

Resistências, vivências e memórias: uma viagem dissidente pela Paraíba
Resistances, lives and memories: a dissident journey through Paraíba

Henrique Cintra Santos¹

NASCIMENTO, Silvana; FRANCH, Mônica. **Entre o Sertão e o Mar: políticas e poéticas LGBTs na Paraíba**. Salvador: Editora Derives, 2018.

“Entre o Sertão e o Mar: Políticas e Poéticas LGBTs na Paraíba”, obra publicada em 2018 e organizada pelas antropólogas Silvana de Souza Nascimento² e Mônica Franch³, é um produto instigado no cerne de diversos projetos realizados no âmbito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) entre 2008 e 2013, período que Marcelo Natividade observa no prelúdio do livro como sendo um momento de ostensivos fomentos para a articulação entre a Universidade, movimentos sociais e entidades governamentais pela promoção do acesso ao “ensino público e para a melhoria de vida de populações mais vulneráveis” (p.13). Ler o livro e resenhá-lo após quase três anos de sua publicação não apenas sublinha o esvaziamento de tais fomentos a partir da gestão federal e sua guinada neoliberal dos últimos anos, como também reitera a potência política, inquisitiva e humana que os artigos da coletânea dispõem.

Os textos apresentados se dividem em dois eixos temáticos que estruturaram o programa de extensão “Diversidade Sexual e Direitos Humanos na Paraíba”: projetos Memória e Juventude. Elaborados e executados a partir de um arcabouço interdisciplinar, com a participação de docentes, graduandos e pós-graduandos de Antropologia, Sociologia e sobre Direitos Humanos, os artigos traçam a memória do engajamento social e político do movimento LGBT⁴ na Paraíba; rememoram intervenções artísticas e ações de formação política entre jovens; e mapeiam espaços de sociabilização LGBT no estado paraibano.

Thiago de Lima Oliveira e Silvana de Souza Nascimento inauguram a obra com dois capítulos que remontam uma historiografia do movimento LGBT na Paraíba. Se no capítulo de Thiago há uma maior centralidade nos desdobramentos dos dissidentes de sexualidade e/ou gênero e sua tomada política e reivindicatória desde os anos 1980 na capital

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Graduado em Letras e Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: henriquecintra@outlook.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1989-8992>.

² Antropóloga e professora do departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP). De 2007 a 2013 foi professora no departamento de Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

³ Antropóloga e professora do departamento de Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

⁴ Optei por manter o uso da sigla LGBT a fim de me adequar à nomenclatura disposta na obra. No entanto, é importante notar que, segundo as recomendações do Manual de Comunicação LGBTI+ de 2018, recomendou-se em âmbito nacional o uso da sigla mais diversa LGBTI+. Cf. REIS, Toni. (Org.). Manual de Comunicação LGBTI+. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI+/GayLatino, 2018.

João Pessoa, Silvana se volta para o interior do Estado, ou o “sertão *gay*” nas palavras da autora. Assim, enquanto tomamos conhecimento em João Pessoa de ações como o *Jornal Gaia* nos anos 1980 e a fundação do *Movimento do Espírito Lilás* (MEL) em 1992, passamos a observar no segundo capítulo as resistências empreendidas em cidades como Catolé da Rocha e Campina Grande.

É importante destacar a relevância historiográfica que tais capítulos oferecem para a continuidade de pesquisas futuras sobre tais temáticas. Green *et al.* (2018) já frisaram a necessária diversificação das narrativas sobre a memória e a historiografia sobre o movimento LGBT no país. No entanto, apesar da contínua intensificação no número de pesquisadores que se debruçam sobre essa problemática, ainda há longo percurso para superar a centralidade que o eixo Rio-São Paulo ainda ocupa na historiografia LGBT nacional. Dessa forma, observar a memória da construção de grupos e investidas políticas por dissidentes de gênero e/ou sexualidade na Paraíba vai de encontro à necessária pluralidade que um país continental como o Brasil requer ao se pensar na História do Movimento LGBT.

Gilberta Soares e Roberta Schultz apontam em seu capítulo para as principais iniciativas de setores governamentais para com a população LGBT. As autoras, ao promoverem um balanço das políticas públicas LGBTs no estado paraibano, introduzem a preocupação central que envolve os três capítulos seguintes: o *Centro Estadual de Referência dos Direitos de LGBT e Enfrentamento à Homofobia da Paraíba*, popularmente chamado por “Espaço LGBT”, o qual se coloca como um dos vértices de acesso à serviços de saúde, jurídico e psicológico para esses indivíduos. Dessa forma, enquanto Renildo Lúcio de Moraes se debruça sobre a prestação de serviços sociais pelo Espaço LGBT, Domícia Pessoa discorre em seu capítulo sobre a promoção de auxílio jurídico e os atores envolvidos na esfera dessa instituição.

Gleidson Marques Silva apresenta o setor de psicologia do Espaço LGBT entrecruzando a sua análise teórica e qualitativa junto de sua atuação profissional como psicólogo nesse espaço desde 2011. Assim, o autor encerra o primeiro segmento, produto do Projeto Memória no interior do programa de extensão que deu origem ao livro. Percebe-se, então, nesse primeiro componente da obra duas inquietações principais: se por um lado tomou a resistência empreendida pelo movimento LGBT paraibano como cerne de debate central, por outro se adentrou na contemporaneidade das ações e respostas governamentais às demandas e especificidades colocadas pelas vivências dissidentes de gênero e/ou sexualidade no Estado.

Paulo Rossi rompe com a linguagem escrita e acadêmica que marca a primeira seção da coletânea e traz uma série de fotografias que intencionam uma “poética visual” acerca

das vivências do universo *trans*. As imagens dispostas são resultado da inserção de Paulo junto ao programa de extensão na UFPB e as intervenções artísticas que marcaram o projeto. Ao acomodar as imagens e evidenciar aspectos do universo de sujeitos dissidentes, a intervenção imagética funciona como prelúdio para uma potente desestabilização da heteronormatividade e, em última instância, do próprio *gênero*, discurso que adentra a seção que segue as fotos.

Mónica Franch introduz o Projeto Juventude, o qual culminou nos capítulos que seguem. Assim, ao focalizar não apenas na juventude que foi parte ativa do programa de extensão “Diversidade Sexual e Direitos Humanos na Paraíba”, mas também a juventude a qual era foco das ações políticas e intervenções artísticas do projeto, a autora apresenta algumas atividades efetuadas durante o programa, com destaque para a o I Encontro da Juventude LGBT da Paraíba e o mapeamento dos espaços de sociabilidade LGBT na capital e interior paraibanos.

O mapeamento dos espaços de vivência e de (re)construção de identidades LGBTs na Paraíba passa a ser minuciado com o capítulo de Elton Bruno Amaral de Oliveira. Ao focar em dois bares da capital João Pessoa, o autor analisa espaços específicos de vivências LGBTs. Assim, as vestimentas, estilos de música, entre outras especificidades diferem nos dois bares e aparecem como marcadores de diferenças centrais, determinando o público e os comportamentos em cada estabelecimento. De forma semelhante, o trabalho de Aladdim Alfredo Pereira se debruça sobre preocupações congêneres ao se voltar para o bar *Donana Pub* também em João Pessoa, traçando as articulações entre público, música e consumo.

Pluralizando a geografia de análise, o mapeamento se direcionada a cidade de Rio Tinto no interior do estado. Assim, Walkiria do Nascimento e Marcela Alves de Lima observam os locais de sociabilização que, mesmo não especificamente direcionados aos LGBTs, têm entre seus frequentadores tais corpos dissidentes, assim como o impacto da instauração de um campus da UFPB na cidade, surgindo novos moradores, demandas de consumo e conflitos.

Thiago de Lima Oliveira leva o mapeamento para os jogos eróticos, em especial em relação à homossexualidade masculina. Focando nos espaços urbanos em João Pessoa em que encontros sexuais casuais são estabelecidos, o autor observa as economias performativas de gênero que atravessam tais espaços, observando-as dentro de um escopo interseccional em que a atenção para a classe e raça são constitutivos da análise. Em seus relatos percebemos os jogos identitários que confirmam a concomitância de sistemas classificatórios sobre a sexualidade bastante diversos, como já descritos por Parker (2002). Por exemplo, a figura do *discreto* se destaca nesses espaços, um sujeito que não se vê como homossexual ou *gay* nos ambientes observados. Dessa forma, ao lado de trabalhos como de Barreto (2017), o capítulo de Thiago

apresenta os espaços e jogos do prazer, assim como as complexas identidades urbanas contemporâneas sobre a sexualidade.

O mapeamento adentra os espaços virtuais com o capítulo de Luarna Relva Felix Cortez, centrando-se em um grupo virtual LGBT e as interações que são estabelecidas nas dinâmicas virtuais que estruturam tais universos, mas também as que extrapolam o ciberespaço e adentram a geografia urbana. A análise empreendida confirma a necessária atenção para as dinâmicas virtuais como ferramentas de autorrealização identitária para sujeitos LGBTs (Martins, 2019).

Os últimos quatro capítulos do livro parecem propor um atravessamento pelas vivências LGBTs no Estado, focando na dissidência desses sujeitos e nos enfrentamentos que a sociedade heteronormativa os impõem. Partindo de um capítulo de autoria das organizadoras do livro, apresenta-se uma narrativa menos academicista e mais centrada nos relatos dos sujeitos que foram impactados pelo e impactaram os percursos de pesquisa. Assim, lembra-se das atividades de intervenção artística com performances em locais públicos de João Pessoa e Rio Tinto. Tais performances pretendiam questionar o público sobre as aceções sobre gênero ao evidenciar a instabilidade do que é socialmente lido como masculino e feminino. Para além dos efeitos e dificuldades encontrados, destaca-se que tais excursões, que superam os muros da universidade, produziram reflexões sobre as subjetividades dos próprios participantes do projeto.

Verônica Alcântara Guerra apresenta na sequência uma união de seu arcabouço teórico junto aos sucessivos relatos dos sujeitos da pesquisa. Dessa forma, além da voz autoral de Verônica, no decorrer do capítulo nos deparamos com as vozes de Karla, Márcia e Raissa, três travestis do litoral norte da Paraíba que, ao terem suas vozes transpostas por Verônica para o capítulo, manifestam seus corpos, vivências e resistências. Ao mapear as zonas de prostituição do litoral norte paraibano, Verônica encontra nas vozes dessas três travestis as rotas pelas quais “o gênero é desenhado, sentido, vivido e experimentado de diferentes formas” (p. 267). Deste modo, se Pedra (2020) percebe os obstáculos para o acesso à cidadania por travestis transexuais no Brasil, aqui observamos as múltiplas exclusões nas vozes desses sujeitos. O capítulo crava em suas páginas a violência à qual esses corpos estão submetidos ao relatar o assassinato de Márcia enquanto a pesquisa era desenvolvida.

No penúltimo capítulo, ao se colocar como mãe de uma criança *trans*, Luciana Maria Ribeiro de Oliveira traz uma contribuição fundamental ao se debruçar sobre a experiência de crianças cujas identidades de gênero destoam do sexo atribuído ao nascimento e os conflitos

sociais que emergem a partir disso, um tema ainda pouco pesquisado. No trabalho é mesclada a experiência pessoal da autora junto de outros relatos de pessoas *trans*, um emaranhado discursivo que, unido a uma explanação bastante didática sobre o que se entende por *trans*, acaba produzindo um texto bastante acessível e que contém o potencial de transmitir o rigor científico para além dos limites da academia, contribuição capital para a obra. Luarna Relva Felix Cortez vem de encontro à tal contribuição, complementando no último capítulo da obra o mapeamento promovido pelo Projeto Juventude. Conduzindo o leitor através dos diversos espaços da malha urbana de João Pessoa que perpassam o processo transexualizador, a autora apresenta as dificuldades de acesso a serviços sociais, jurídicos e de saúde por homens *trans*.

“Entre o sertão e o mar” em uma primeira leitura desponta como uma viagem que parte da capital paraibana e irradia para o seu litoral e sertão interiorano através da retomada das memórias do movimento LGBT, a apresentação dos espaços de sociabilidade desses indivíduos, dos seus jogos com o prazer, com o gênero e de suas resistências e violências enfrentadas. No entanto, a obra rompe e atinge reflexões e efeitos muito além que os objetivos colocados no programa de extensão que a originou. Dessa forma, se no prelúdio se consta o papel da educação e da produção do conhecimento para a compreensão e superação das desigualdades, os trabalhos aqui apresentados parecem ser caminhos potentes nessa direção.

Maluf (2004) atenta que superar as dicotomias que se colocam entre academia e a experiência militante pode “fundir a reflexão, a crítica, a experiência e ação”, contribuindo para novas ferramentas para a militância, mas também contaminando as epistemologias, produzindo “novas teorias e novos conhecimentos” (p. 241). É exatamente isso que a obra presente atinge: ela se dirige a militância e se deixa contaminar por ela; o pesquisador acessa o seu interlocutor e reflete sobre a sua própria subjetividade. Em última instância, “Entre o sertão e o mar” leva a subjetividade do leitor para o interior dos questionamentos que provoca e, principalmente, atua como prova cabal da imprescindibilidade da continuidade da luta pela universidade pública e o acesso democrático ao conhecimento.

Referências bibliográficas

BARRETO, Victor Hugo de Souza. **Festa de Orgia para Homens: territórios de intensidade e socialidade masculina**. Salvador: Editora Devires, 2017.

GREEN, James *et al.* **História do Movimento LGBT no Brasil**. Alameda Editorial, 2018.

MALUF, Sônia Weidner. Os dossiês da REF: além das fronteiras entre academia e militância. *In: Revista Estudos Feministas*, v. 12, 2004. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2004000300025> > Acessado em: janeiro de 2021, p. 235-243.

MARTINS, Felipe. **Grupos LGBTs na Internet como educação não-formal pela autorrealização identitária**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2019.

PARKER, Richard. **Abaixo do Equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PEDRA, Caio Benevides. **Cidadania Trans: o acesso à cidadania por travestis e transexuais no Brasil**. Curitiba: Appris, 2020.